

A anacrônica política industrial de Trump

Os ideólogos da era neoliberal têm insistido repetidamente em que a política industrial é um encargo. Esta política foi acusada de distorcer os preços, desperdiçar recursos fiscais e ser a melhor receita para recompensar as empresas e setores perdedores na concorrência econômica. Mas hoje a política de desenvolvimento industrial retorna ao centro do palco com os despautérios de Trump sobre a recuperação de empregos no setor manufatureiro.

Na realidade, a intervenção do poder público para promover o desenvolvimento industrial nunca desapareceu. Nem mesmo na era triunfante do neoliberalismo. Subsídios, créditos e apoio econômico de todos os tipos para sustentar a competitividade de uma determinada empresa ou ramo industrial permaneceram uma constante na vida econômica.

A China sempre abraçou os mais variados instrumentos de política industrial. Do apoio ao crédito e subsídios, ao poder aquisitivo do Estado, passando pela engenharia reversa para copiar tecnologia estrangeira, assimilá-la e adaptá-la às suas necessidades e às do mercado internacional. Naturalmente, um dos pilares mais importantes desta política industrial foi o investimento na investigação científica e no desenvolvimento tecnológico. No início deste século, a China investiu 1,5% do PIB em investigação científica e desenvolvimento experimental (IDE). Hoje, essa ação subiu para 2,5 por cento, colocando a economia chinesa em uma faixa semelhante à dos Estados Unidos. A diferença é que os Estados Unidos enveredaram por uma política industrial anacrônica, segmentada e sem objetivos.

Recuperar antigos postos de trabalho na indústria transformadora parece ser o principal objetivo da administração Trump. Mas dadas as tendências de longo prazo na

estrutura do setor manufatureiro em escala global, é improvável que os setores com Trump e seus amigos em mente sejam capazes de recuperar ou gerar os empregos perdidos. O melhor exemplo é a indústria do carvão e do aço. Para começar, a maior parte da demanda de energia dos EUA é atendida por outras fontes de energia. E ambas as indústrias são muito intensivas em capital (exigem investimentos muito elevados para cada emprego gerado).

Assim, Trump pode continuar dizendo que impediu a Ford de levar sua fábrica de Kentucky para o México, ou pode se vangloriar de ter torcido o braço da Carrier, gigante do equipamento de refrigeração, para não instalar sua fábrica com mil empregos no México. Ou pode continuar com seu neoprotecionismo e impor novos impostos sobre os produtos importados do México. A verdade é que esses deslocamentos não servirão para gerar os empregos que Trump prevê no setor manufatureiro, nem servirão para devolver a liderança industrial aos Estados Unidos.

Mas há outro aspecto da política industrial aninhada no orçamento militar de Trump. Recorde-se que o orçamento de gastos recentemente enviado ao Congresso contempla um aumento de 54 bilhões de dólares para gastos militares. Uma boa parte deste montante será destinada a indústrias que já produzem equipamento militar de todos os tipos, desde aeronaves não tripuladas e mísseis de cruzeiro de alta velocidade a submarinos invisíveis e à renovação de ogivas nucleares no arsenal estratégico. Muitos analistas acreditam que tal investimento pode trazer benefícios inesperados em termos de inovações tecnológicas aplicáveis à indústria civil.

Mas esta não é a primeira vez que o aumento das despesas militares contribui para desmantelar as bases da competitividade industrial nos Estados Unidos. Entre 1960 e 1986, os Estados Unidos viram sua participação na produção mundial cair de 25% para 10%. A razão é que, enquanto o Japão e a Alemanha inovaram na introdução de máquinas-ferramentas de

controle numérico para uso genérico na indústria civil, os Estados Unidos se dedicaram a projetar sistemas automatizados para máquinas-ferramentas usadas pela força aérea na produção de seus equipamentos e peças de reposição. O resultado foi o enfraquecimento da indústria de máquinas-ferramenta dos EUA e sua perda de competitividade. Este não é o único exemplo do impacto negativo que os gastos militares tiveram sobre a indústria nos Estados Unidos, mas é um poderoso alerta para deixar de acreditar nos comentaristas ilusórios próximos ao complexo militar-industrial dos Estados Unidos.

Os objetivos da política industrial de Trump nunca serão alcançados. E enquanto os Estados Unidos continuam dominados pelas necessidades do setor financeiro e perdem tempo com os tweets do Sr. Trump, a China continua a abrir novos caminhos para a industrialização nos ramos estratégicos da robótica, fabricação inteligente e novos materiais para energia renovável. É bastante claro quem será o líder em manufaturas na próxima década.

Original: [La Jornada](#)